

FRONTEIRA DO CÉU COM O INFERNO: *as diferenças coloniais*
da periferia a partir dos Racionais Mc's

THE FRONTIER BETWEEN HEAVEN AND HELL: *colonial*
differences in the periphery from Racionais Mc's

FRONTERA ENTRE EL CIELO Y EL INFIERNO: *las diferencias*
coloniales de la periferia a partir de los Racionais Mc's

Indayá de Souza Nogueira¹

Edgar César Nolasco²

RESUMO: O presente artigo explana parte do trabalho desenvolvido na disciplina de Literatura Comparada no PPGEL/ UFMS (Programa de Pós- Graduação em Estudos de Linguagens). Isso posto, o objetivo desse pensamento é refletir como o grupo de rap paulista Racionais Mc's delinea o conceito de diferença colonial (MIGNOLO, 2003) por meio de sua inscrição biográfica nas letras de suas músicas, especificamente no álbum *Sobrevivendo no Inferno*, lançado em 1997. Ademais, considerando que as diferenças coloniais depreendem-se do epistemologia colonial/moderno aportado no pensamento helênico-cristão (LINHAR, 2024), consideramos a presença do tom catedrático-religioso na produção dos rappers. O título, enquanto referência direta à música "Capítulo 4, versículo 3", dos Racionais Mc's, apresenta como as fronteiras que dividem céu e inferno, sagrado e profano, são as mesmas que balizam fronteiras epistemológicas de categorização dos assujeitados. Explicitando a maneira como as *diferenças coloniais* são marcadas em corpos assujeitados por meio das letras dos rappers Racionais Mc's, destacamos a inscrição de seu *biolócus*-bios=vida + lócus=lugar (Nolasco, 2015, p. 59). Isso posto, valemo-nos do pensamento de Walter Mignolo (2003, 2008, 2010), Edgar César Nolasco (2015, 2021), Tiago Linhar (2024), Aníbal Quijano (2019), Enrique Dussel (1993).

PALAVRAS-CHAVE: *Diferença colonial; Racionais Mc's; biolócus.*

ABSTRACT: This article presents part of the work developed in the Comparative Literature course at PPGEL/UFMS (Graduate Program in Language Studies). That said, the objective of this reflection is to examine how the São Paulo rap group Racionais Mc's outlines the concept of *colonial difference* (MIGNOLO, 2003) through its biographical inscription in the lyrics of its songs, specifically in the album *Sobrevivendo no Inferno*, released in 1997. Furthermore, considering that colonial differences stem from

¹ Indayá de Souza Nogueira é graduada em Letras Português- Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, membro do NECC- Núcleo de Estudos Culturais Comparados e participante dos projetos Estudos Culturais Comparados, Paisagens transculturais na fronteira sem lei e Caderno de Estudos Culturais. ORCID ID: 0009-0009-6262-5202.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais, com pós-doutorado em Cultura (PACC-UFRJ), docente do Programa de Pós Graduação em Estados de Linguagens- FAALC/ UFMS e coordenador do NECC- Cnpq/ UFMS. ORCID ID: 0000-0002-8180-585X.

colonial/modern thinking rooted in Hellenic-Christian thought (LINHAR, 2024), we consider the presence of a professorial-religious tone in the rappers' work. The title, as a direct reference to the song "Capítulo 4, versículo 3" by Racionais Mc's, shows how the boundaries that divide heaven and hell, sacred and profane, are the same ones that mark the epistemological boundaries of categorization of the subjugated. In an attempt to explain how colonial differences marked on subjugated bodies are staged in the lyrics of Racionais Mc's rappers through the inscription of their *biolocus-bios*=life + locus=place (Nolasco, 2015, p. 59). That said, we draw on the thinking of Walter Mignolo (2003, 2010), Edgar Cózar Nolasco (2015), Tiago Linhar (2024), Aníbal Quijano (2019), and Enrique Dussel (1993).

KEYWORDS: Colonial difference; Racionais Mc's; *biolocus*.

RESUMEN: El presente artículo presenta parte del trabajo desarrollado en la asignatura de Literatura Comparada en el PPGEL/UFMS (Programa de Posgrado en Estudios Ling  sticos). Dicho esto, el objetivo de esta reflexión es analizar cómo el grupo de rap paulista Racionais Mc's delinea el concepto de diferencia colonial (MIGNOLO, 2003) a través de su inscripción biográfica en las letras de sus canciones, específicamente en el   lbum *Sobrevivendo no Inferno*, lanzado en 1997. Además, considerando que las diferencias coloniales se derivan del pensamiento colonial/moderno aportado por el pensamiento hel  nico-cristiano (LINHAR, 2024), consideramos la presencia del tono catedrático-religioso en la producción de los raperos. El título, como referencia directa a la canción «Capítulo 4, versículo 3» de Racionais Mc's, presenta cómo las fronteras que dividen el cielo y el infierno, lo sagrado y lo profano, son las mismas que marcan las fronteras epistemológicas de categorización de los sometidos. En un intento por explicitar la forma en que las diferencias coloniales marcadas en los cuerpos sometidos se escenifican en las letras de los raperos Racionais Mc's mediante la inscripción de su *biolocus- bios*=vida + *lócus*=lugar (Nolasco, 2015, p. 59). Dicho esto, nos valemos del pensamiento de Walter Mignolo (2003, 2010), Edgar Cózar Nolasco (2015), Tiago Linhar (2024), Aníbal Quijano (2019) y Enrique Dussel (1993).

PALABRAS CLAVE: *Diferencia colonial*; Racionais Mc's; *biolocus*.

Eu num li, eu não assisti/ Eu vivo o negro drama/ Eu sou o negro drama/ Eu sou o fruto do negro drama.
(RACIONAIS MC'S. Negro Drama, 4:35)

No dia em que Deus criou o homem,    semelhança de Deus o fez. (BÍBLIA SAGRADA. V. T. G  nesis. 5:2)

Assim, trata-se na verdade de uma diferença de classe. Entretanto, a diferença não é justificada em termos de classe, mas em termos de   tnia, g  nero, sexualidade e, algumas vezes, nacionalidade. (MIGNOLO, 2003, p. 237)

A matriz racial de poder é um mecanismo pelo qual não somente as pessoas, mas as línguas e as religiões, conhecimentos e regiões do planeta são racializados. Ser subdesenvolvido não é como ser um indígena das Américas, Austrália e Nova Zelândia? Ou um negro da

África? Ou muçulmanos do mundo árabe? Ser das colônias do Segundo Mundo (ex., Ásia Central e Cáucaso) não era, de uma certa forma, ser tão invisível como as colônias do império de segunda classe, uma racialização escondida sob a expressão "Segundo Mundo"? (MIGNOLO, 2010, p. 293)

De modo a iniciar este texto, pontuo que as diferenças que anseio tratar aqui são tão epistemológicas quanto imaginárias, físicas, religiosas, culturais e linguísticas. Posto que minha discussão conceitual está alicerçada por meu corpo e de meus Racionais, afirmo que a idiossincrasia maior desta discussão reside na diferença. Falar *a partir de*³, nesse intento, não é apenas condição *sine qua non* para pensar a diferença colonial, mas também a gravura corpo-gráfica que delinea a presença da diferença em minha teorização.

Tendo enquanto objetivo deste artigo a reflexão acerca das *diferenças coloniais*, opto por usar a primeira pessoa do discurso, considerando que é essa a engrenagem que me difere dos sujeitos considerados "intelectuais" pelo sistema colonial/moderno (homens, brancos, heterossexuais, cisgênero, etc). Isso posto, afirmo meu espaço enquanto pesquisadora negra e sul-periférica aliada aos intelectuais "do gueto" (OLIVEIRA, 2018) Racionais Mc's. Assim, o que me possibilita pensar criticamente nas *diferenças coloniais* é meu *bios* e de meus co-partícipes, corpos da diferença por excelência. Ademais, enquanto escopo dessa reflexão, detenho-me nas letras do álbum musical *Sobrevivendo no inferno* (1997).

A diferença da qual trato, depreende-se de uma criação narratológica que estabelece as concepções dualistas que regem o sistema mundial/colonial/moderno. Nesse sentido, assumo a posição de um corpo da diferença a partir do momento em que me percebo enquanto destoante a do referencial pré estabelecido de sujeito, referencial este que envolve raça, *loci*,

³ Pensar a partir de, apresenta, na esteira de Walter Mignolo em *Histórias locais/projetos globais* (2003), a maneira de apresentar um outro sujeito epistemológico, desvinculado da idéia moderna/colonial de epistemologia e intelectualidade. Citando Mignolo (2003, p. 154), um dos objetivos da teorização pós-ocidental/colonial é reinscrever na história da humanidade o que foi reprimido pela razão moderna em sua missão civilizadora[...] Seria, em outras palavras, uma teoria sobre um assunto novo, mas não a constituição de um novo sujeito epistemológico que pensa *a partir das e sobre* as fronteiras.

condições geopolíticas, econômicas, culturais e linguísticas que estabelecem o ideal de “ser” no mundo colonial/moderno/globalizado. O pensador Walter Mignolo, no ensaio “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política” (2008, p. 289), afirma que há uma aparência natural do mundo, determinada por políticas de identidade colonias/modernas, asseguradas em ser homem, branco, cisgênero e heterossexual.

Os sujeitos que diferem dessa figura de “humano” são assujeitados na diferença. A *diferença colonial* é, portanto, o processo de classificar hierarquicamente sujeitos e espaços, a partir de uma geopolítica moderna e colonial (LINHAR, 2024). A minha diferença, à luz do primeiro trecho epigrafiado, não é lida nem assistida, mas sentida em corpos como o meu e de meus co-partícipes Racionais Mc 's. Nessa direção, sinto a *diferença* (MIGNOLO, 2003) como uma ferida colonial aberta, marcada em meu *biolócus* pela colonialidade e reafirmada pela enunciação moderna. Tal ferida é sentida por mim, nas *sensibilidades* que marcam meu cabelo, os traços do meu rosto, o bairro em que vivo, minhas crenças religiosas e o linguajar usado por minha família como aversivos ao que é posto enquanto “ideal”.

Isso posto, estabeleço que pensar a diferença exige a concepção de uma semelhança. O dualismo (LINHAR, 2024), fator que baseia o pensamento ocidental, só pode ser confeccionado a partir do entendimento hierarquizado das diferenças. Assim, ao passo em que o discurso colonial/moderno cria um fora em relação ao dentro, em um processo de encobrimento do que é posto enquanto exterior, o que me interessa nesta instância é a articulação colonial/hegemônica que privilegia as semelhanças enquanto apaga as diferenças. A cor da pele, os traços fenotípicos, a textura do cabelo, língua, cultura, religião e pensamento que me estabelecem enquanto *diferente* são apagados da narrativa moderna e, quando elucidados, são vistos enquanto um outro anexado ao referencial europeu. Meus co-partícipes, na letra de “Negro limitado”, afirmam: “Diga qual a sua origem, quem é você? Você não sabe responder” (RACIONAIS MC 'S, 2:33)

, entendo nessa direção que as diferenças do pensamento dualista funcionam em uma lógica de um “outro” inexistente, em contraponto ao “eu mesmo” existente.

Racializados e “inexistentes” para o pensamento semelhante/moderno, tivemos nossa história local e identidade ocultadas pelo discurso hegemônico e falocêntrico da colonialidade. A relação de existência/inexistência e dentro/fora estão para o estabelecer de semelhanças e diferenças, haja vista o empreendimento colonial de criar um universal abstrato onde as diferenças (sempre no plural), são encobertas por um sistema de poder superior que se ancora nas diferenças enquanto sinônimo de inferioridade. Posto isso, retomo a segunda epígrafe que dá o tom desta reflexão, onde o discurso litúrgico ocidental pontua a criação do homem à semelhança de deus. O deus cristão/dualista, imagem máxima de humanidade, desenha-se no imaginário coletivo enquanto “aparência natural do mundo” (MIGNOLO, 2008) - homem, branco, heterossexual, cisgênero e europeu.

Desde as bases do pensamento dualista, na cristandade, o privilégio moderno é dado àqueles que estão à semelhança da figura “ideal” de humanidade, religiosamente formulada enquanto o deus cristão. A imagem física e epistêmica do homem europeu é a semelhança, ou seja, o “eu mesmo”. Seus “outros”, aqueles que como eu são criados na diferença da imagem divina, são os homens e mulheres não-europeus e racializados. Os corpos da diferença que carregam consigo as idiossincrasias da margem, lida aqui como a periferia de onde pensamos, são a base para a recolocação das diferenças no discurso teórico, científico e artístico do sistema colonial/moderno.

Sendo assim, a gênese da periferia passa pelas *diferenças coloniais* que, dialogicamente, estabelecem a exterioridade à medida que os *loci* exteriorizados convergem o espaço geoistórico e epistemológico da diferença. Assim, a fórmula que mescla o dualismo cristão a colonialidade/modernidade é a base dos *loci* exteriorizados como a periferia brasileira. Assim, suscito os dois últimos trechos epigrafados, pontuando que a afirmação das diferenças de classes sociais, evidenciadas ao se pensar na vida urbana, depreende-se de uma diferença que

ultrapassa a questão econômica e encontra seu cerne nas diferenças “[...] em termos de etnia, gênero, sexualidade e, algumas vezes, nacionalidade” (MIGNOLO, 2003, p. 237).

Desse modo, a *diferença colonial* remete em minha excursão teórica conceitual a uma *matriz racial de poder*⁴ (MIGNOLO, 2008) na qual as *diferenças* são grafadas não só nos corpos, mas também nas línguas, religiões, epistemologias e lócus. Sob a rubrica de “subdesenvolvido” ou “Novo Mundo”, as políticas de rechaço às dessemelhanças imperam seu processo de apagamento dos sujeitos. Desimportantes, atrasados e inferiores são os significantes ocultos na política da geopolítica moderna. Isso posto, assumo neste pensar minha identidade racializada, assim como meus aliados, reconheço que nossos discursos ressurgem como “os efeitos colaterais do sistema” (RACIONAIS MC’S, 2:30) para o qual somos, na *diferença*, irracionais.

Nesse sentido, a proposição que empenho em meu fazer de pesquisadora é, por excelência, uma enunciação fraturada, marcada pela diferença colonial, essa diferença, substância oculta na colonialidade/modernidade é o agente que vem reformulando o discurso de dominação europeia. Assim como meu corpo e de meus Racionais, nosso pensamento é racializado, cooptado por uma matriz colonial/racial de poder (MIGNOLO, 2008) e por conseguinte, invisibilizado. Nossas teorias, exteriorizadas e diminuídas em função das semelhanças universalistas do discurso moderno, estão longe de possuir o passaporte dado às teorias itinerantes.

Segundo Mignolo, “[...] quando as teorias não viajam, a diferença colonial as torna invisíveis para as teorias dominantes e universais que podem viajar e tem passaporte para atravessar a diferença colonial” (2003, p. 236). Portanto, ainda que hajam pesquisas antropológicas e as ciências sociais tenham se detido atualmente nos estudos acerca da periferia, muito do que é feito está alocado

⁴ Segundo Mignolo (2008, p. 293), “[...] a matriz racial de poder é um mecanismo pelo qual não somente as pessoas, mas as línguas e as religiões, conhecimentos e regiões do planeta são racializados”.

em um falar sobre, a guisa de teorias itinerantes assentadas privilegiadamente, nas semelhanças.

As diferenças deixadas de lado, são o espaço enunciativo físico e imaginário (MIGNOLO, 2003) onde as semelhanças modernas e as diferenças fronteiriças se encontram, “no confronto entre duas histórias locais distintas” (MIGNOLO, 2003, p. 11), formando a rusga epistemológica tratada aqui enquanto fronteira, caracterizada por uma razão *outra*, não cooptada pelo discurso moderno, fruto de uma gnose liminar. O pensamento gnoseológico carrega consigo as *diferenças coloniais* ao passo em que produz uma crítica aos moldes de produção do conhecimento, enquanto uma expressão da razão subalterna, reconceitualizando os saberes e sua própria institucionalização. Nessa direção, pensar as diferenças em minha teorização se justifica não só por compreender que esta racializa corpos e lugares (como a periferia, neste caso), mas também por optar em minha práxis por um pensar *a partir da* fronteira geoistórica de onde escrevo e da qual carrega as marcas da diferença.

Entre o céu e o inferno do pensamento dualista, as oposições coloniais que imperam na fronteira representam o lugar exato de onde a periferia surge, contida entre a semelhança e a diferença, entre o dentro e o fora, entre o “eu mesmo” e o “outro”, está a gênese da qual busco discutir. Parafraseando meus Racionais (RACIONAIS MC’S, Mágico de Oz, 0:35) , “a periferia é o campo minado das grandes cidades”, onde tudo converge, inquieto e livre para o trânsito dos corpos indesejados, dos discursos de formação e das mais variadas manifestações de arte e cultura, a periferia é por excelência um espaço fronteiriço da diferença, das discriminações, desigualdades e oposições.

Entretanto, tal diferença é pensada sob a égide da perspectiva moderna, que depreende semelhanças para compor seus projeto universalista, e trata as distinções enquanto exotismo que será anexado ao conhecimento europeu dito universal sob a rubrica de “cultura”. A *diferença colonial* reside, portanto, na assimilação acrítica das histórias locais pelo projeto global universalista da colonialidade/modernidade. Assim, a noção dualista de semelhanças-e-

diferenças encobre a epistemologia fronteiriça, visto que esta tensiona os limites do pensamento dual, no qual se “constitui o arcabouço conceitual dentro do qual se construiu a própria ideia de da civilização ocidental (relegando as diferenças aos bárbaros, selvagens, canibais, primitivos, subdesenvolvidos etc.)” (MIGNOLO, 2003, p. 207)

Considerando as construções sociais fundadoras da periferia enquanto uma narrativa moderna/colonial, ressalto que a *diferença colonial* é de ordem epistêmica. Viver, pensar e sentir, na discussão por mim empenhada e na esteira de meus Racionais, não se dissociam. Suscitando o trecho epigrafado, o “negro drama” dos rappers remonta a racialização no contexto periférico atual. É essa a marca da diferença que circunda a existência enquanto uma práxis e povoam o viver dos assujeitados como eu. Nessa direção, sob a égide das proposições de Walter Mignolo no capítulo “Filosofía y diferencia epistémica colonial: Qué es lo que convoca la praxis del pensar desobediente en la exterioridad de los universales eurocéntricos?” (MIGNOLO, 2010, p. 205):

O viver requer um pensar, tanto na automaticidade das funções corpóreas, quanto nas relações familiares, com a vizinhança, em cafés e supermercados. Pensamos, sempre pensamos, pensar é viver e viver é pensar, um requer um outro (tradução livre).⁵

É a diferença colonial que justifica, em uma retórica moderna, a colonialidade. Entre a colonialidade e a modernidade, a separação de ordem colonial/epistêmica é a base para os processos de assujeitamento e racialização empreendidos pelo sistema mundo. Citando Quijano (2005, p. 118):

Foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados.

⁵ Trecho original: El vivir requiere un pensar tanto en el automatismo del cuerpo, como en el de las relaciones en la vecindad, la familia, el café y el supermercado. Se piensa, siempre se piensa, vivir es pensar y pensar es vivir. El uno requiere del otro.

Sendo assim, o discurso moderno iniciado em 1492, como proposto por Dussel, está assentado na construção dos “[...] “Outros” como dominados, sob o controle do conquistador, no domínio do centro sobre a periferia no qual a Europa se constitui como o “centro” do mundo (em seu sentido planetário)” (DUSSEL, 1992, p. 16). Nessa construção, os “outros” não configuram apenas categorizações relacionados ao arquétipo fenotípico dos sujeitos racializados, mas também seu estilo de vida e, conseqüentemente, de pensamento. Dessa maneira, afirmando a princípio que “a filosofia enquanto pensamento é uma práxis de pensar, esta se encontra arraigada em um modo de viver que gera, transforma e sustenta a si mesma”⁶ (MIGNOLO, 2010, p. 206).

A filosofia ocidental, nesse sentido, gera, transforma e sustenta sua própria autoridade sobre o pensamento, viajando para os trópicos, no entanto, esta filosofia passa pela racialização. Os corpos marcados pela diferença colonial e cooptados pelas teorias modernas/hegemônicas, como o meu e de meus co-partícipes, são marginalizados por este discurso, daí o reconhecimento da diferença colonial nos preconceitos identificados em nosso tempo. A *diferença colonial*, grosso modo, transmuta-se com a modernidade, fundando o racismo, machismo, homofobia, preconceito linguístico, entre outras formas de repressão modernas dos sujeitos postos como “outros”.

Na guisa dessa discussão, entende-se que a *diferença colonial* reúne consigo um conjunto de fatores de racialização de ordem epistêmica. Meu pensamento, assim como o de meus aliados, está granjeado pelas vielas do cortiço onde nos formamos. Pensar as distinções na criação da periferia é conceber como o espaço geoistórico e epistêmico dos arrabaldes converge em si uma rusga epistemológica entre o “eu” e o “outro”, o “novo” e o “velho”, o “dentro” e o “fora”. A periferia retratada por meus co-partícipes em seu fazer

⁶ Trecho original: “La filosofía, en tanto praxis disciplinaria del pensar estuvo y está arraigado en la praxis del vivir que la generó, transformó y sostiene. Esta es la “manera oficial” de tratar na filosofía.”

artístico carrega a ferida comum que partilhamos, a ferida da dessemelhança em nos entender como os “de fora”.

O grupo de rap, nomeado como Racionais Mc 's em alusão ao disco “Tim Maia Racional”, lançado em 1970 pelo músico Tim Maia, completou 40 anos recentemente. Enquanto uma jovem que cresceu ouvindo as músicas dos rappers e teve seu caminho cruzado por eles durante a formação acadêmica e profissional no curso de Letras, entrevejo que os intelectuais carregam consigo o cotidiano periférico incorporado e inscrito em suas letras. As ruelas desenhavam-se como paisagem de fundo, propondo uma reconceitualização do que a sociedade moderna estabelece enquanto periferia. Na música “Bom senso”, contida no álbum que inspira o nome do grupo, o poeta Tim Maia (*in memoriam*) diz:

Já rodei o mundo quase mudo/ No entanto num segundo/ Este livro veio à mão/ Já senti saudade/ Já fiz muita coisa errada/ Já pedi ajuda/ Já dormi na rua/ Mas lendo atingi o bom senso/ A imunização racional (TIM MAIA, Bom senso, 1:03).

A dita “imunização racional” da qual o autor se refere e que povoa o projeto dos Racionais Mc 's, configura o fazer desobediente que, ainda que *a partir de* seu lócus, compreende o papel litúrgico do conhecimento. Os livros que nos vem à mão e medem nossa sabedoria e racionalidade, constata-se por meio de uma tradição onde o pensar é condição para a existência. A filosofia moderna ocidental, de fundamentos cartesianos, compreende que os sujeitos possuem graus de humanização por seu conhecimento escolástico, ou seja, aquele provido pelo pensamento ocidental.

O cristianismo, detentor da narrativa “do céu e inferno”, segue a mesma lógica ao pontuar que “a palavra de Deus é a verdade e a vida” (BÍBLIA SAGRADA, N.T João, 14:6). Logo, aquele que a conhece detém a sabedoria e, portanto, existe. A *diferença colonial*, criada em uma retórica cartesiana e cristianizada, se reforça continuamente quando se estabelece que filosofar é diferente de pensar. Pensar está para o corpo e é comum, ao passo em que filosofar se enquadra nos moldes academicistas (pensamento científico

cartesiano da “disciplina” acadêmica) que oficializam as diferenças entre cultura e conhecimento.

Tais constatações me são caras ao me aliar aos rappers paulistas, visto que configuramos um saber *outro*, que não pensa pra existir, mas existe previamente. A periferia que carregamos advém de um pensamento atravessado por nosso cotidiano, grafado pelas diferenças, mas respondente a elas. Não há como, em minha teorização, tratar das diferenças coloniais sem uma tônica responsiva, visto que opto em falar *a partir de* meu corpo periférico sul-fronteiriço. Citando meus aliados, “não vou trair quem eu fui nem quem sou/ eu gosto de onde eu to e de onde vim/ o ensinamento da favela foi muito bom pra mim” (RACIONAIS MC’S, Fórmula mágica da paz, 00:09), carrego comigo as *diferenças coloniais*, que podem ser lidas enquanto feridas, visto que “o pensar no viver se estende a uma práxis de pensar que se manifesta em projetos sustentados por crenças e sentimentos que afirmam a classe social e a etnicidade” (MIGNOLO, 2010, p. 205)⁷. Sob a égide de meus aliados (RACIONAIS MC’S, Expresso da meia noite, 1:46):

A vida não é um conto de fadas (não)/ Principalmente na calada (na quebrada)/ Onde a gente vê, registra várias fitas/ O que ser humano é capaz você não acredita/ Só quem é de lá/ Sabe o que acontece/ Eu vejo terra (eu vejo), eu vejo asfalto/ Eu vejo guerra, morte, assalto/ Sangue no chão, a esperança que agoniza/ Reflete a vida que a novela satiriza/ “Aí, fica ligeiro que na esquina tá embaçado/ A área tá sinistra e o clima tá pesado”.

A história contada por aqueles que residem no asfalto e dali pensam, criam nossa periferia para com ela dialogar. Esse diálogo, marcado pela passagem não igualitária do pensamento que vem de lá pra cá, é a rusga colonial da diferença. No discurso, na violência e entre eles, há uma diferença irremediável para o projeto colonial. Em uma lógica onde se diferenciar do referencial escolhido é visto enquanto uma problemática, pensar *a partir de* meu corpo mulher sul-

⁷ Trecho original: Mi pensar en el vivir se extiende a la praxis del pensar: no se es burgués sin una praxis del pensar que se manifiesta en proyectos sostenidos por creencias y sentimientos que afirman y afirman mi clase social y etnicidad.

fronteiriço demarca meu pensamento enquanto irracional para a epistemologia colonial/moderna.

Meus Racionais, ao optarem em serem chamados assim, configuram sua “irracionalidade” frente a perspectiva moderna em uma práxis de re-existir. Segundo Nolasco, “perder o medo de pensar por nós mesmos, reconheço, não é tarefa fácil, sobretudo quando, especificamente, somos formados numa academia que nos ensina diariamente que há uma teoria certa e universal” (NOLASCO, 2021, p. 62). Ao optarem por serem nomeados de Racionais, visto que assujeitados que pensam e falam *a partir de* periferias são bestializados pelos discursos imperantes, os intelectuais subvertem a régua que regula a irracionalidade/racionalidade de determinadas epistemologias.

Isso posto, entendendo que as teorias modernas são pensadas no centro de sua interioridade, como discutido no subtítulo anterior, ressalto que a viagem das epistemes modernas para os *loci* subalternizados, configuram o que meus co-partícipes chamam de efeito colateral do sistema. Tal efeito se espelha na fronteira das hierarquizações entre os “eus” e os “outros”. *A luz* de Mignolo, no intento de teorizar as histórias locais em relação aos projetos globais, entendo que o traço que separa a história local (aqui enquanto cultura local, epistemologias locais e cosmologias nativas) dos projetos globais (le-se aqui enquanto colonialidade, discurso moderno e neocolonialismo) é o estabelecimento de diferenças. Comparativamente, o discurso colonial se estrutura em dois momentos: o reconhecimento/invenção das distinções e a hierarquização destas em função do referencial europeu.

Assim, visto que me posiciono na reflexão maior deste capítulo enquanto um corpo que pensa *a partir da* fronteira, na companhia hospitaleira dos rappers Racionais Mc’s, pontuo que penso das e nas dissimilaridades que atravessam minha identidade política, aquela a mim atribuída, e em minha *identidade em política*, essa que assumo em minha *práxis* de reconceitualizar os discursos que amarram meu corpo. Tratar do corpo está para tratar das dessemelhança. Na formação de

minha periferia, pensar as *diferenças coloniais* se justifica ao passo que as margens se fundamentam como lócus para onde o distinto é mandado como catalogação geográfica dos “outros”. A periferia tratada como *loci outro*, exterior ao pensamento moderno, é necessariamente marcado pelas diferenças coloniais.

Assentados na instabilidade do solo fértil da diferença, cito meus co-partícipes ao dizer que as; “Famílias vem, famílias vão/ Fugindo da morte, fugindo da prisão/ A vida do fundão é desequilibrada” (RACIONAIS MC’S, Expresso da meia noite, 1: 36). Ao pensar o desequilíbrio entre as diferenças de ordem colonial e entender que meu corpo se assenta no espaço movediço criado pelos discursos modernos, interpretado que “as diferenças coloniais grassam os corpos fronteiriços como legados coloniais ainda estão nas memórias dos estudiosos e intelectuais” (MIGNOLO, 2003, p. 234). São tais legados que, quando reconhecidos, atravessam a produção intelectual e artística de corpos como o meu e de meus Racionais. A contra-resposta à hierarquização e as violências por ela empenhada é a inclusão dos discursos da diferença, a cabo de meus aliados Racionais.

Sob a égide do pensamento dualista que fundamenta a subjetividade ocidental, só me percebo enquanto sujeito ao passo em que tenho meus exteriores. Na retórica moderna tais fundamentações se acentuam visto que o discurso europeu governa a subjetividade ocidental. Esta retórica, posterior a Descartes, “[...] pressupunha uma ontologia da totalidade que, por razões bastante simples, tinham de incluir uma metafísica da alteridade como negatividade” (MIGNOLO, 2003, p. 239). A crítica às diferenças coloniais não podem confundir-se com uma crítica às diferenças, mas sim a maneira como tais diferenças são criadas discursivamente como uma alteridade negativa.

Assim, meus co-partícipes e eu re-conceitualizamos nossa outridade enquanto algo próprio, no movimento de inscrever nossos corpos no discurso artístico e intelectual. Nossa idiosincrasias locais, marcadas pelas rotulações da negritude, periferização e subalternidade (como dito anteriormente com o

conceito de matriz colonial racial) não configuram uma negatividade por si só, mas uma identidade particular. Visto isso, a periferia desenhada por meus Racionais converge em si tais diferenças, assim como a fronteira-sul que habita em mim e me possibilita pensar um pensamento *outro*, ancorado em minhas particularidades e responsivo às dominações retóricas imperiais.

Em vias conclusivas, pontuo que a diferença grassa em alguma instância todos os corpos. A periferia rimada pelos rappers é, essencialmente, um espaço da *diferença*. Em um lógica *biolocal* (MIGNOLO, 2003), os indivíduos são classificados *a partir de* um paradigma da geopolítica moderna, que liga a racialização ao lócus (tanto epistêmico quanto geográfico). Ao me esgueirar pelas dessemelhanças que tangem meu corpo, ao ser uma mulher negra e fronteiriça em uma academia formulada nos moldes cartesianos do “Penso, logo existo”, deter-me nas *diferenças coloniais* é uma forma de pontuar como, a partir da epistemologia descolonial, a recuperação de corpos assujeitados em espaços de conhecimento apresenta um movimento contrário a retórica moderna e colonial da diferença.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

DUSSEL, Enrique. **1492**: O encobrimento do outro: A origem do mito da modernidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

LINHAR, Tiago Osiro. **Nascer é correr um risco**: o infortúnio do espaço e da origem. Curitiba: CRV, 2024.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialid. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**. Trad. de solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César de. Uma teorização em torno de um pensamento próprio.
In: **CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**: Fazer-Sendo – Não-Europeu, v. 2,
n. 26, 2021.